

Maior, adulto e responsável

Como há muito tempo não tem tido o que celebrar, é natural que o governo exagere na comemoração do acordo firmado com os bancos devedores para o pagamento parcelado dos juros atrasados da dívida externa.



Euforia dosada e politicamente administrada costuma oferecer razoável rendimento. Vá lá que os especialistas oponham restrições ao júbilo a que o governo se entrega de dentuça arreganhada de orelha a orelha, tentando vender a versão que se trata do "melhor acordo jamais firmado pelo país". Somos dados ao exagero e o governo excede-se: é sempre exageradíssimo.

Que a estratégia inaugural não pegou, sabe-se. Só a ingenuidade ufanista ou a paspalhice ideológica admitiram que os bancos se curvassem à pressão brasileira, acuados pela recusa do pagamento dos juros. O golpe de caloteiro apenas indicava a dura postura para começo de conversa.

Na longa rolagem da negociação, sobrou o acordo que tanto desafoga o governo. Não se trata de acerto desprezível. Nada disso. Nem tanto ao mar alto nem tanto à terra devastada pela nossa insensibilidade ecológica. O governo abriu caminhos, deu o primeiro e decisivo passo, obteve suas vantagens e agora está embalado para negociar o principal: a dívida e novos empréstimos para a arrancada das funduras da recessão.

Com ares desanuviados das nuvens cinzentas de um impasse, o presidente Collor pode dedicar-se, de alma aliviada e ânimo retemperado, a garantir a aprovação pelo Senado do acordinho e, aproveitando o empurrão, tocar outras frentes do leque de preocupações que o sufocam.

O reconhecimento que o governo recebeu de fora o alento que estava sendo negado em casa necessita ser complementado por algumas observações de aguda oportunidade.

Ora, o jeito que o governo começou está gravado na memória de todo mundo. Cada governo chega buscando cunhar estilo próprio. O de Collor foi o da continuidade da campanha, com a nota da imaturidade estouvada. Reconheça-se que funcionou como lance de afirmação da autoridade e pelo que passou à opinião pública do açodamento em resgatar compromissos de mais nítido conteúdo popular, como a guerrilha às mordomias, o leilão das mansões, dos apartamentos funcionais, dos chapas-brancas.

O equívoco foi teimar no mesmo tom quando o governo principiou a desafinar. O estilo do êxito, do oba-oba, do presidente esportivo e impetuoso não cai bem na estiagem das dificuldades, com a inflação resistindo às cutiladas de dona Zélia e as irregularidades denunciadas passando intocáveis pelas terminantes determinações presidenciais para apuração exemplar e implacável punição dos culpados. A listagem de escândalos que não deram em nada, publicada ontem na nota de abertura do *Informe JB*, deveria merecer atenta avaliação crítica do Planalto. Ela ajuda a explicar a queda lenta, mas

constante, dos índices de popularidade do presidente.

Pois a hora da virada chegou e com algum retardo. Com um ano e beirando um mês de mandato, o governo deve ter amadurecido, atingindo a maioria responsável. Reconheça-se que não há sinais alentadores de que a fase de turbulência juvenil tenha passado. Ainda agora, no mega-escândalo da Previdência Social, o bilhete-denúncia do presidente passou recibo a uma leviandade. A lista dos 315 marajás das aposentadorias fajutas rola de seca e meca sem que se apure precisamente, apartando-se os casos de favoritismo legal das falcatruas que esguicham por todos os cantos no festival de roubalheira.

Ora, há comportamentos que são toleráveis em determinadas faixas de idade. Repetidos na idade madura, descambam para o patusco. O povo não perdoa o adulto com cacoetes infantis, crivando-o de ditos desqualificantes, como o terrível "tão grande e tão bobo".

Com toda a franqueza, convém o presidente Collor colocar uma pedra em cima e torcer para que esqueçam o destempero verbal de Juazeiro do Norte. Não adianta apelar para a escapula do bom humor, envergando camiseta roxa com frase despistativa de "roxo de paixão pelo Brasil" na última corrida dominical de 10 kms, rebocando o pobre do ministro Rogério Magri botando os bofes pela boca.

É melhor o presidente reconhecer o erro, bater no peito as pancadas do arrependimento e não prolongar um deslize oratório coloridamente pornográfico.

Porque, falando sério, embora até não pareça, a presunçosa menção presidencial à tonalidade arroxeadas de suas partes pudendas — com referência precisa, que tornou inútil a omissão do chulo com o recurso transparente do pronome demonstrativo —, se não for contida a tempo pode derramar-se pelos mais imprevisíveis e incontroláveis desvios.

Não faltam exemplos de desatinos da demagogia na caça ao voto e à popularidade. Ora, se o roxo fixa moda e é assumida como a cor do presidente, ela será faltamente ligada à imagem do discurso. E na acepção do populário, como símbolo do machismo, do destemor, da coragem sem jaça.

Daí para o exagero é um passo. O PRN, por exemplo, ou outro partido ansioso pela identificação da legenda com o presidente, pode ser tentado a adotar a cor no material de campanha. Naturalmente, aplicando o roxo a desenho que reproduza, de maneira claramente perceptível, o objeto da alusão presidencial.

Imagine-se o risco de tal símbolo enfeitando faixas, estandartes, bandeiras agitadas na rua, balançando à brisa dos comícios. Fanáticos e exaltados serão induzidos ao perfeccionismo das reproduções em tamanho natural ou ao delírio de ampliações.

É bom parar por aqui. O governo está numa boa com a inesperada oportunidade de estancar a queda, revertendo o quadro. Talvez não precise muito. Apenas competência e maturidade. Governo não é brincadeira de criança nem estripulia de adolescente. Mas, serviço para gente grande, empreitada para adulto.